

## A CEGUEIRA DO OLHO QUE VÊ: SIGNIFICAÇÕES DAS PERDAS VISUAIS PARA A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Valton Miranda Leitão<sup>30</sup>

### A Cegueira do Olho Que Vê<sup>31</sup>

O fato de que atualmente vivemos sob o domínio da imagem no interior da sociocultura mediática, não é novidade, principalmente no mundo ocidental. A problematização desse fato, entretanto, assume dimensão trágica, porque a imagem de que se trata é perversa. O elemento perverso aqui é precisamente o caráter alienado e alienante da organização imagética, que impõe uma perda fundamental de contato do ser humano com sua própria realidade. Não se trata simplesmente da desqualificação do discurso lógico-argumentativo, na sociedade mediática, mas de uma falsificação que determina, pelo menos tendencialmente, a essência mentirosa do funcionamento social.

A falsificação embutida na produção imagética de mercadorias e de seres humanos coisificados é envolvida pela ilusão mágica do fetiche. O fetichismo objetivado da mercadoria fica articulado ao fetichismo mental do olhar, incapaz de ver o outro semelhante, porque o mundo está sob o jugo do espelho. A nova forma de fetichismo conjuga o capitalismo cultural no plano coletivo com as organizações narcisistas de personalidade no plano individual.

O espelho mental tematizado pela teoria psicanalítica em geral como metáfora, que permite a compreensão do desenvolvimento e da maturação na relação com a visão do outro é, na perspectiva patologizante aqui colocada, o maior empecilho para

<sup>30</sup> Médico, psicanalista e articulista do jornal *O Povo*.

<sup>31</sup> Expressão de Freud em seus *Estudos sobre histeria*, de 1900, para caracterizar uma forma de cegueira histérica.

a expansão criativa do homem. O espelho mágico do fetichismo, contrariamente ao espelho narcísico, que deve ser quebrado para permitir o avanço da personalidade socialmente integrada, não se quebra, assumindo a condição do deus enganador cartesiano.<sup>32</sup>

A visão, o olhar e o olho assumiram na estética da sociocultura contemporânea certa estranheza demoníaca, característica do individualismo solitário, marca do capitalismo globalizado. Nesse contexto, o ver e o ser visto ocupam o cenário neste palco, onde criaturas robóticas executam uma dramaturgia desprovida de significado e sentido. O olho transformado em instrumento projetor, tal como uma arma, pretende colocar dentro do outro semelhante o controle remoto para que *tu não sejas outra coisa senão eu*. A extraordinária valorização da imagem e do espelho coincide com o empobrecimento geometricamente proporcional da imaginação, precisamente porque o componente perverso inscrito neste processo que falseia a relação objetividade-subjetividade freia o pensamento num nível mitológico. O mito, como é sabido, se inscreve no imaginário, no qual as dimensões de tempo e espaço são fluidas, como nas fábulas.

A narrativa parcial de dois mitos relacionados ao olhar e ao espelho pode ilustrar o raciocínio que desenvolvo. O primeiro mito é o dos índios Urubus-Kaapor, que habitam o alto Gurupi, na Amazônia brasileira. Nessa mitologia, Maíra é um deus cuja cabeça é ornada por um enorme espelho curvo. O deus é capaz de metamorfosear-se em qualquer coisa, possuindo um gigantesco pênis que, enfiado por baixo da terra, está sempre à disposição das mulheres kaapor para serem fertilizadas por ele, num cerimonial mágico. Maíra mora numa caverna toda espelhada para cujo acesso o viajor precisa enfrentar o rio de água-borracha.

O outro é o mito clássico da Medusa, cuja cabeça monstruosa com seus olhos petrificantes foi decepada, pelo herói

---

<sup>32</sup> O conceito cartesiano do *cogito ergo sum* foi precedido por um desenvolvimento do raciocínio especulativo, no qual Descartes supôs a existência de um deus enganador ou gênio maligno sempre falsificando os nossos juízos.



Perseu. A cabeça medusina, mesmo depois de decepada tem que ser mantida num saco hermeticamente fechado, pois se um dos olhos alcançarem qualquer criatura viva imobiliza-a completamente como estátua. O primeiro mito mostra como o inconsciente grupal contém a organização fálico-narcisista na qual deus e o homem se encontram libidinalmente ligados. A concepção onipotente de uma deidade sexuada é diretamente relacionada com o espelho no qual a semelhança antropomórfica é assumida como grandeza mágico-onipotente. O mito é sempre epopeia narcísica no mar revoltado ou no rio de água-borracha, exigindo a presença do herói. O mundo contemporâneo dominado pela comunicação espetacular parece regredir a essa primitiva forma de socialidade. O processo regressivo aparece na sociedade como desintegração e dispersão social ao mesmo tempo em que toma corpo a forma estética unidimensionalizada (petrificada). Nesse contexto, é que a univocidade dessa estética do absurdo articulada, a uma ética imperiosa, a personalidade narcísica se exprime como pensamento maquínico-burocrático.

A dialética da imagem do olhar e do espelho exprime a dupla condição individual e sociocultural do narcisismo. O espelho, no seu sentido metafórico mais amplo, tanto está no olhar da mãe quanto na reflexão que o sujeito espera obter do grupo social. A esbeltez narcísico-fetichista da mulher-modelo androgenizada, desidratada nas nádegas e nos seios ocupando o espaço hídrico com musculatura, é observada pelo e ao mesmo tempo observa o espelho social. A isso corresponde um tipo característico de desenvolvimento na mente inconsciente. O inconsciente narcísico se caracteriza por vários elementos psíquicos entre os quais está aquilo que Freud chamou “a cegueira do olho que vê”. Há nesse processo o retorno por reflexão da imagem que o olho projetor vê conforme deseja ser visto. *O Retrato de Dorian Gray* do escritor Oscar Wilde é o melhor modelo dessa condição tanto na cultura fetichista quanto na personalidade narcisista.



Quando Oscar Wilde escreveu sua versão do narcisismo moderno, colocou o fetichismo psíquico e mercantil num retrato, o retrato de Dorian Gray. A identificação projetiva que articula o personagem ao retrato pode ser examinada sumariamente em três tempos: 1) a fascinação, 2) o horror simbiótico e 3) a destruição. Os passos seguidos por Dorian são mais ou menos os mesmos da lenda grega de Narciso na versão de Ovídio. A relação especular que envolve o pintor Basílio Howard e a personalidade narcísica do jovem aristocrata Dorian Gray, dá origem à moldura fetichista que contém o retrato, objeto de fascínio de ambos. A adoração que ambos, retratista e retratado devotam àquela imagem, situa-a no campo irreal do paradoxo.

Ocorre que na atualidade do capitalismo cultural e das personalidades *borderlines* narcisistas contemporâneas, o fetiche assumiu caráter diferente do retratado por Wilde no seu livro. A nova configuração se tornou possível através da conjunção de fatores sociopsicológicos, culturais e dinâmico-inconscientes. A metáfora cartesiana do deus-enganador é extremamente útil para compreender a falsificação inscrita nessa nova forma de fetichismo. O que o olho do homem atual vê, já está prefigurado na mente inconsciente, através da perversão da função alfa<sup>33</sup>, que induz o pensamento burocrático-automatizado.

Num sentido bastante amplo, é possível dizer que historicamente o homem manual do capitalismo mercantil agora é o homem visual do capitalismo de consumo. Dessa maneira, o *homo erectus* para o qual o olhar assumia preponderância sobre a olfação, agora é o homem da visão, que deixa para trás o trabalhador manual da Guilda Medieval e da fábrica da Revolução Industrial.

O processo de produção histórico-social dessa nova personalidade exige a histericização sintomática do olhar. O mágico que,

---

<sup>33</sup> Termo do psicanalista inglês W. Bion para caracterizar uma disposição da mente que junta elementos dos pictogramas inconscientes integrados na memória.

como deus-enganador executa a prestidigitação, é o sistema mediático comunicacional. Assim, o cinema, o computador e a imagem digitalizada escondem aquilo que não deve ser visto. Por outro lado, a personalidade burocrático-fetichista, incapaz de pensamento crítico e autocrítico, aceita passivamente a impostura visual. O ciclo medusino está fechado, enquanto o mau-olhado<sup>34</sup> da inveja e da competição fica escancarado.

Como é sabido, as pessoas surdas aguçam o olhar em busca da comunicação digital e labial, intensificando essa erogenização corporal por necessidade, enquanto o *self* narcisista o faz premido pela dinâmica patologizante do fetichismo individual e grupal. Os médicos oftalmologistas que lidam com o concretismo da cegueira ou a acuidade visual extremada podem se basear neste modelo para compreender melhor o inconsciente psicossomático da visão. Dessa forma, pretendo igualmente sugerir que o incremento das patologias oculares, como das patologias cardiovasculares está na mesma linha de interdependência já estabelecida entre o aumento do câncer com relação às manifestações melancólicas e depressivas.

Nesse complexo contexto sociocultural, o avanço tecnológico é pouco competente para explicar o estranho binômio visibilidade *versus* invisibilidade. O fetichista do computador não precisa mais do parceiro-parceira para chegar ao orgasmo, enquanto o fetichista consumidor compulsivo não precisa do objeto, mas simplesmente da marca-grife para consumi-lo. Dessa maneira, o fetiche concreto desaparece para que, no seu lugar surja uma imagem magicizada.

O novo fetichismo, portanto, não é mais o do objeto concreto, mas o utiliza simplesmente como suporte. A nova forma do fetiche está alinhada tanto com as personalidades narcísicas quanto com o sistema imagético comunicacional contemporâneo. Tal configuração tende a unidimensionalizar tudo e o melhor exemplo

---

<sup>34</sup> O mau-olhado corresponde a uma fantasia sádica do olhar projetor encontrado nas lendas e mitos de muitos povos no mundo. Os antropólogos que estudaram o *evil eye* mostram frequentemente como a magicização do olhar introduz noutra pessoa a doença e também a morte.



no capitalismo cultural é a quebra da dualidade homem-mulher para que surja uma espécie de fetiche cultural andrógono. Isso significa que o ideal de perfeição dessa nova estética é a mulher atleta e modelo cuja estrutura físico-corporal se aproxima cada vez mais da do atleta olímpico homem. Outras formas dessa desmaterialização das pessoas como tais e dos objetos de troca no mercado virtual, trazem para a mente humana a necessidade de trabalhar com a estética do absurdo.

Como já disse noutro lugar, Freud já antecipara essa questão no seu artigo *O Estranho*, no qual examina o esteticismo negativo, visto da perspectiva do olho psicótico. O refúgio na parte psicótica da personalidade<sup>35</sup> é, por outro lado, a garantia do fetichismo. O homem partido entre a fascinação imagética e a dura realidade concreta opta pela primeira, abdicando assim da capacidade de pensar. O espelho devolve o mesmo para o mesmo, sem nenhuma modificação, deixando o indivíduo preso nas engrenagens da intersubjetividade e da linguagem pervertida.

Dessa maneira, procurei mostrar como os distúrbios psicogênicos da visão, cuja relação com a histeria Freud demonstrou em trabalhos magistrais, estão atualmente associados ao narcisismo como conflito individual e ao fetichismo como manifestação sociocultural. A cultura imagética do olhar, por outro lado, correspondendo ao empobrecimento do poder criativo e da capacidade de pensar.

## Referências Bibliográficas

BION, W.R. *Estudos psicanalíticos revisados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

---

<sup>35</sup> Destarte, a preferência dessas personalidades pelas ilusões imagéticas determina grande dificuldade para discriminar entre o verdadeiro e o falso, pois o indivíduo dividido tende a projetar suas ideias e pensamentos nos outros. A inveja e ambição, deslocadas para o ambiente, escondem um permanente sentimento de frustração.

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. (Obras Completas de Sigmund Freud., v. 2).

\_\_\_\_\_. *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 21).

RIBEIRO, Darcy. *Diários índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.